

Do clássico ao contemporâneo: a atualização do romance histórico através de *Leite derramado*, de Chico Buarque

Herbert Sousa de Araújo*

“Não diferem o historiador e o poeta
por escreverem em verso e prosa, diferem, sim,
em que diz um as coisas que sucederam,
e o outro as que poderiam suceder”.

Aristóteles

A relação entre literatura e história não pode ser entendida e explicada de maneira simplificada, pois, entre tantos distanciamentos e aproximações, as duas áreas foram ganhando forma com o próprio tempo. Mário Maestri (2002) nos diz que ambas nasceram como um ser único e indistinto, sendo necessário um considerável percurso para que pudessem se diferenciar, singularizar e especializar. Não tenho o intuito de explicitar esse longo caminho percorrido pelas duas disciplinas, mas refletir de que modo essa conexão se estabelece no texto de ficção contemporâneo. É importante pensar que os debates em torno desse vínculo estão presentes desde a Antiguidade, como bem vimos na epígrafe que abre este ensaio, sendo assim, ousado afirmar que história e literatura continuarão imbricadas. O que muda de fato é o modo como se apresenta esse “casamento”.

* Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Ainda de acordo com Maestri, no século XIX, a literatura e a história aproximaram-se e se afastaram logo em seguida. É exatamente nesse momento de afastamento e negação, segundo o historiador brasileiro, que a diferenciação entre as duas áreas avança qualitativamente. Ao ter consciência de que era necessário e factível apreender racionalmente o devir histórico e captar as experiências das massas, geram-se dois produtos importantíssimos para a humanidade: a historiografia científica e o romance histórico. É com este último que prossegurei a partir de agora.

Segundo Mikhail Bakhtin (1993), o romance por si só já se apresenta como um gênero híbrido, sendo muito complexo tentar moldá-lo, fixá-lo e defini-lo. Portanto, se esse já é um exercício difícil, seria ainda mais problemático tentar realizar esses procedimentos com o então denominado romance histórico. Para nossa sorte, Gyorgy Lukács (2011) não só tenta, como consegue – claro que dentro de suas possibilidades históricas e culturais – realizar tal feito, se tornando a maior referência sobre os estudos de romance histórico. É praticamente impensável realizar uma pesquisa em torno deste produto e não mencionar o teórico húngaro e o seu texto abre-alas.

Para Lukács, o romance histórico tem sua origem nos textos de Sir Walter Scott - escritor de origem escocesa. Ao analisar as produções, o húngaro elencou algumas características que deveriam ser consideradas formadoras do romance histórico. Desse modo, para que um texto pudesse ser enquadrado no mesmo rol que os de Scott, precisava apresentar características como: simbolizar os costumes da época; expor os velhos e novos hábitos sociais que surgiam e se transformavam; conter um conflito dramático que desafiasse as personagens, motivando-as a sair do plano confortável e seguro; ter como figura central um herói mediano e prosaico; apresentar perso-

nagens históricas em posições secundárias; ter um narrador em terceira pessoa, dando um certo ar de distanciamento e imparcialidade.

Portanto, vemos que a fundamentação e a inspiração de tal romance estão na própria história, pois é recorrendo aos processos históricos que o autor tem como base os dados para criar sua narrativa, que, mesmo ficcional, está ancorada na realidade. A história acompanha os movimentos de mudança da sociedade, captura as transformações, investiga os costumes, enquanto a literatura apresenta seu olhar crítico sobre essas estruturas. Desse modo, Lukács nos diz que o interessante na constituição de um romance que se pretende histórico é a relação que se estabelece entre passado e presente. Não se trata apenas de produzir um enredo que aborda inconscientemente a história e o passado, mas é preciso entender, a partir do presente, esses dados. Desta forma, faz-se necessária uma retomada reflexiva dos acontecimentos, compreendendo os seus aspectos e permitindo ao leitor um panorama crítico dos eventos. Segundo Lukács, é exatamente isso que faz Scott em suas obras: reflete o passado através do presente e evidencia que sua atualidade está inevitavelmente ligada à história.

É evidente que as teorias que fundamentam o romance histórico se alteraram ao longo dos anos, já que história e literatura estão imersas em processos de reconfiguração. Com isso, o conceito de romance histórico foi sendo revisto, ganhando importantes contribuições, como as de Fredric Jameson (2007). O pesquisador e estudioso norte-americano desenvolveu seu argumento partindo dos postulados de Lukács. Entretanto, essa retomada ocorreu de maneira bastante crítica. Inicialmente, ele considera que os romances de Scott não devem ser rotulados como históricos, mas devem ser precisamente intitulados como dramas de costumes, visto que

ainda faltam elementos importantes para essa categorização. Para Jameson, o romance que pretende ser histórico deve apresentar um grande evento que faça a mediação entre os planos público e privado. Melhor dizendo, o romance histórico deve ter um tempo individual e um tempo público bem delimitados, de modo que esses tempos devem ser conectados pela mediação de um grande acontecimento. Sendo assim, não pode haver em hipótese alguma um maior direcionamento e aprofundamento em determinado tempo, mas o que deve acontecer é a intersecção de ambos. E aí reside a crítica para com os romances de Scott, segundo o crítico literário estadunidense. Tais obras não podem ser encaradas por essa ótica, pois tratam de uma representação de valores e costumes, de uma descrição de eventos, mas lhes falta essa perspicácia na intersecção dos tempos através do grande acontecimento. Para Jameson o romance histórico só pode ser desenvolvido através desse arquétipo:

O romance histórico, portanto, não será a descrição dos costumes e valores de um povo em determinado momento de sua história (como pensava Manzoni); não será a representação de eventos históricos grandiosos (como quer a visão popular); tampouco será a história de vida de indivíduos comuns em situações de crises extremas (a visão de Sartre sobre a literatura por via de regra); e seguramente não será a história privada das grandes figuras históricas (que Tolstói discutia com veemência e contra os que argumentavam com muita propriedade). Ele pode até incluir todos esses aspectos, mas tão somente sob a condição de que eles tenham sido organizados em uma oposição entre um plano público e histórico (definido seja por costumes, eventos, crises ou

líderes) e um plano existencial ou individual representado por aquela categoria narrativa que chamamos de personagens. (Jameson: 2007, 192).

Além destas principais categorias, Jameson vai retomar Lukács para dizer que também é necessário haver uma nítida separação temporal entre o autor e o evento que ele se propõe a narrar. Ele considera que esse movimento é fundamental para que o texto não apresente confusões da memória recente do próprio escritor. Nesse sentido, *Guerra e Paz* (1867) de Tolstói é considerado o grande romance histórico. É fato que Lukács já o tinha incluído como exemplo, mas Jameson retoma essa mesma narrativa para reafirmar a classificação a partir de suas perspectivas. Em sua concepção a grande obra de Tolstói apresenta fielmente todos os aspectos mencionados acima, sendo quase impossível que uma obra contemporânea consiga ostentar essas mesmas qualidades.

Nessa direção, Jameson vai apontar que há enormes dificuldades para a realização do romance histórico na contemporaneidade. Em sua tese, a modernidade proporcionou uma centralização na subjetividade e individualidade, e, exatamente por isso, houve um direcionamento exacerbado para o tempo privado, dificultando a sua articulação com o tempo público. Desse modo, a intersecção temporal se tornaria frágil e inconsistente. Além disso, segundo ele, não temos na modernidade um evento com proporções grandiosas, já que os acontecimentos estão se tornando cada vez mais cotidianos e perdendo o *status* de monumental. Isto quer dizer que, sem um grande acontecimento e com uma forte centralização na individualidade, os romances históricos não teriam potencial para realizar as

coordenações necessárias. Por isso, Jameson indaga em seu ensaio se ainda seria possível um romance histórico nos tempos modernos e contemporâneos.

Respondendo às indagações e à tese de Jameson, Perry Anderson (2007) afirma que o romance histórico na era moderna não só é possível como se expandiu de maneira grandiosa. Indo na contramão do que pensava o seu colega, Anderson vai dizer que tal romance não declinou, muito pelo contrário, se renovou e subverteu as regras. Sendo assim, estamos tratando especificamente do romance histórico contemporâneo, e aqui me coloco a dizer que não se trata de contemporâneo apenas no sentido temporal, mas também pelo modo como essas narrativas vêm se organizando e provocando novas configurações. Para o historiador londrino, os enredos históricos contemporâneos nunca deixaram de trabalhar a articulação entre passado e presente, até porque este ponto não pode ser ignorado, mas agora é a forma que sofre alterações. Nesses romances os tempos aparecem misturados e imbricados, há uma proliferação de anacronismos e uma multiplicidade de finais alternativos. O que vemos, na verdade, é uma preocupação com as devastações e catástrofes. A ideia de progresso perde força e tais textos olham majoritariamente para os processos históricos e as marcas destrutivas que deixaram. Isso explica o grande número de narrativas produzidas na América Latina abordando as ditaduras militares. Citando a visão do filósofo Walter Benjamin sobre o conceito de história – a partir da pintura *Angelus Novus*, de Paul Klee –, vejamos o que Anderson considera uma potencial força do romance histórico contemporâneo:

O anjo da história está se distanciando de algo em que fixa a vista. “Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos,

ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés”. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Parte do romance histórico pode estar aqui. (Anderson: 2007, 219).

Assim sendo, o romance histórico contemporâneo olha para o passado com o intuito de refleti-lo criticamente a partir do presente, evidenciando as suas inúmeras injustiças e despropósitos. Mas isso acontece por meio de uma subversão das regras: as marcações temporais se diluem; passado e presente se apresentam de modo não linear; não se delimitam as características fixas e rompem-se os binarismos. A potência de tal romance está exatamente na capacidade de amotinar as normas e criar com maior fluidez narrativas que nos colocam diante de uma história que ainda não conseguimos superar. O fato é que se podem alterar as formatações e configurações, mas a relação entre história e literatura não pode ser relativizada.

Tendo como base as importantes contribuições acima elucidadas, proponho uma leitura do romance *Leite derramado* (2009), de Chico Buarque, como um romance histórico contemporâneo. Na obra em questão, Buarque nos apresenta um monólogo do senhor Eulálio Assumpção. Internado e abandonado em um leito de hospital, acometido de uma patologia cerebral, o velho centenário narra sua história, suas experiências e a de seus familiares, o clã dos Eulálios: tetravô, bisavô, avô e pai. Apenas nesta breve contextualização, já podemos observar que o romance foge do arquétipo idealizado por Lukács e Jameson, tendo em vista que a narração se desenvolve em primeira pessoa e que há uma forte centralização na individualidade da personagem, pois, ao contar sua biografia, ocorre uma densa

marcação da vida privada.

Entretanto, engana-se quem acha que as 200 páginas do romance se limitam apenas a firulas e dramas íntimos. Ao contar sua trajetória, o velho Eulálio nos coloca diante não só de suas questões particulares, mas também nos lança na história do Brasil. E aqui chamo atenção para a força deste enredo, pois é nesse âmbito que, mesmo partindo de uma forte perspectiva subjetiva, o narrador consegue fazer a intersecção com o plano público e histórico. É claro que não o faz nos moldes idealizados por Jameson, mas não se pode negar que esse cruzamento é inevitável. Além disso, chamo atenção para mais um fato: como o período narrado engloba cem anos de existência do herdeiro Assumpção, não há um conflito específico, muito menos há somente um grande acontecimento. Pelo contrário, há uma larga quantidade de ocorrências, que também não ganham o *status* de monumental, visto o modo como são documentadas. Os fatos existiram, são grandiosos pela ótica da história, mas Eulálio não os coloca nessa posição.

Pertencente a uma família rica e bem posicionada na época do Brasil colonial, Eulálio cresceu rodeado de escravizados e acostumou-se a ter os seus desejos atendidos. Chama atenção uma das primeiras lembranças narradas, na qual vemos a maneira como ele se refere aos escravizados que durante décadas foram obrigados a trabalhar para seu clã:

E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção como em geral se escreve, como é capaz de constar até aí no prontuário. Assunção, na forma assim popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar na família sem sapatos.

Curioso é que seu filho, também Balbino foi cavaleiro do meu pai. E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância. Esse me ensinou a soltar pipa, a fazer arapucas de caçar passarinho, me fascinavam seus malabarismos com uma laranja nos pés, quando nem se falava em futebol. Mas depois que entrei no ginásio, minhas idas à fazenda escassearam, ele cresceu sem estudos e perdemos as afinidades. (Buarque: 2009, 18).

No fragmento acima, Eulálio descreve uma prática comum no período citado: a apropriação dos sobrenomes dos brancos por parte dos escravizados como uma maneira de identificação¹. Mas vejamos que o narrador recupera esse acontecimento marcante na história do Brasil, mas não dá a ele um *status* importante, o trata de modo banal e simplista. Na narração, não vemos uma preocupação em evidenciar a condição de vida da população escravizada, não há uma empatia para com aqueles seres que perderam suas vidas no trabalho forçado e desumano, mas há somente a necessidade de demarcar o seu lugar para que ele não seja confundido. O modo como se refere a Balbino através do pronome “aquele” nos faz perceber o ar de menosprezo para com o outro, se colocando numa posição de superioridade. Olhemos mais especificamente para um outro ponto importante neste relato: a restrição à educação. Enquanto Eulálio se ausenta de sua fazenda, onde já vivia no luxo, para desenvolver seus estudos, Balbino Neto nem a oportunidade de idealizar esse projeto teve, visto que continuou forçadamente trabalhando para nada re-

¹ Fenômeno que pode ser observado no romance contemporâneo *Ponciá Vicência* (2017), de Conceição Evaristo.

ceber. Com isso, reflito que, mesmo com uma narração em primeira pessoa, uma forte centralização no egoísmo e na individualidade de Eulálio, há uma articulação com a história, com aquilo que é público, mesmo que esse evento seja minimamente citado.

Percebamos que o passado é retomado brevemente, mas a reflexão a partir do presente nos faz compreender que essas marcas ainda vivem. Eulálio muitas vezes ao longo do enredo se declara não racista, apenas por ter convivido com Balbino Neto e posteriormente ter se casado com uma mulher descendente de pretos, mas sem a pele retinta. Se olharmos para os dias atuais, iremos deparar esses mesmos discursos, que começam com uma falsa declaração antirracista e em seguida despejam uma série de preconceitos.

Em outro momento, Eulálio nos coloca diante de um outro importante acontecimento para o Brasil: a ditadura militar. Mais uma vez temos uma narração que pega esse objeto pelo viés subjetivo, evidenciando os familiares e deixando o acontecimento como pano de fundo:

É como se dizia antigamente, pai rico, filho nobre, neto pobre. O neto pobre calhou de estar na sua barriga, Eulálio d'Assumpção Palumba, o garotão por nós criado, que cresceu rebelde com toda razão. Já maduro entrou nos eixos, mas você deve se lembrar quando ele meteu na cabeça de ser comunista. Agora imagine sua avó o que diria, neta casada com filho de imigrante e bisneto comunista de linha chinesa. Esse seu filho engravidou outra comunista, que teve um filho na cadeia e na cadeia morreu. Você diz que ele próprio morreu nas mãos da polícia, e com efeito tenho vaga lembrança de tal assunto. Mas lembrança de velho não

é confiável, e agora estou seguro de ter visto o garotão Eulálio ainda outro dia, forte toda a vida. Ele até me deu uma caixa de charutos, mas que besteira minha, o que morreu era outro Eulálio, um que parecia o Amerigo Palumba mais magro. O Eulálio magro é que virou comunista, porque já nasceu na cadeia e dizem que teve desmame precoce. Daí fumava maconha, batia nas professoras, foi expulso de todas as escolas. (Buarque: 2009, 38).

Novamente o acontecimento histórico é mencionado de modo subjetivo e agora com um tom implícito também. Não há uma descrição, nem ao menos uma menção mais incisiva sobre a ditadura militar. O relato se preocupa primeiramente em falar de um dos descendentes da família. Busca evidenciar um membro da família que já falecera, mas o motivo pelo qual chegou a óbito não ganha destaque, apesar de aparecer timidamente. As memórias do próprio Eulálio são confusas, já que ele sofre de Alzheimer e chega a confundir nomes de netos e bisnetos. A perpetuação do nome Eulálio, passando de geração em geração, pode ser entendida como uma forma de manter viva a memória do patriarca, embora cause confusão, não sendo fácil distinguir o nível de parentesco de cada um. Mas quero chamar atenção para outro efeito causado por essa confusão mental. Quando o centenário diz ao final de um dos períodos que possui “vaga lembrança de tal assunto”, podemos interpretá-lo como uma falha na memória a respeito da forma como o neto faleceu, mas também como uma possível dúvida em relação ao assunto da própria ditadura. Misturam-se lembranças familiares e históricas, não deixando explícito o próprio acontecimento do regime militar. Com isso, pegamos aquilo que fica solto das memórias melindrosas. E ainda é interessante destacar outro momento que se refere a esse período:

Não esqueço o dia em que me telefonaram para buscar o bebê no hospital do Exército, o coronel foi atencioso, disse me conhecer de outros Carnavais. Até me emocionei ao ver o pimpolho, praticamente órfão de pai e mãe, porque Amerigo Palumba estava longe e você, presa e incomunicável. Mas espere um pouco, isso não é possível porque você saiu do hospital ao meu lado, com a criança no colo. Só sei que Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior foi batizado e criado por nós, hoje é esse garotão que a leva para andar de carro e me dá charutos cubanos. (Buarque: 2009, 39).

Identificamos, no trecho acima, que o senhor Eulálio possuía uma relação com os militares quando enfatiza que ele e o coronel já se conheciam de outros “carnavais” e fala da cordialidade com que este o tratou. Mesmo nas confusões mentais do velho senhor, conseguimos entender que o seu neto foi assassinado na prisão durante o regime. Ao lado de Maria Eulália, sua única filha, pega o seu bisneto e o cria dentro das suas novas possibilidades. Observemos que ele ainda trata do assunto com confusão, não sabemos se intencionalmente, mas é fato que as recordações são embaralhadas, pois ele sempre tenta amenizar os fatos e a crueldade daquele período. Sabemos que até hoje há pessoas que tentam negar esse fato ou ao menos ludibriar parte da população com a ideia de que o sanguinário regime foi positivo para o Brasil. Não é à toa que esse efeito cai bem a Eulálio, homem branco e rico que durante anos se situou entre os poderosos e não se importou com as lutas sociais, mesmo perdendo um de seus parentes. É sempre bom lembrar que a versão elitista da história tem a pretensão de tornar acontecimentos importantes em

algo menor, tentando impedir uma compreensão profunda dos fatos.

Como último exemplo, gostaria de evidenciar mais um ótimo fragmento para pensarmos essa relação entre história e literatura no romance histórico contemporâneo:

Não vai aí a intenção de ofender os mais humildes, sei que muitos de vocês são crentes, e nada tenho contra sua religião. Talvez seja até um avanço para os negros, que ainda ontem sacrificavam animais no candomblé, andarem agora arrumadinhos com a Bíblia debaixo do braço. Tampouco contra a raça negra nada tenho, saiba você que meu avô era um prócer abolicionista, não fosse ele e talvez todos aí estivessem até hoje tomando bordoadas no quengo. (Buarque: 2009, 193).

No trecho acima vemos mais uma faceta do preconceito étnico em nosso país: a discriminação religiosa. É fato que as manifestações artísticas, esportivas e religiosas desenvolvidas pelos pretos sofreram com perseguição e foram marginalizadas. Tais ações deixaram uma imensa marca negativa que ainda está longe de ser apagada. É comum vermos nos noticiários inúmeros casos de violência verbal e física direcionados aos praticantes de religiões de matriz africana. Novamente Eulálio despeja suas falas caóticas e cheias de preconceito. Além disso, quero marcar dois pontos que chamam atenção nesse fragmento: 1) o fato de que o número de protestantes aumenta

² Dados do IBGE no censo de 2012: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>.

consideravelmente a cada ano no Brasil, segundo o próprio IBGE², tendo uma estimativa de ser maioria muito em breve. Tal conversão acontece na maioria das vezes a partir de uma pregação colonizadora que muito se assemelha aos catecismos dos anos 1500, na qual os colonizadores negavam a religião dos povos negros e indígenas, referindo-se a elas como religiões pagãs ou demoníacas. Isso é um dado histórico importante para pensar a formação de nossa cultura, sobretudo porque tem voltado a aparecer com muita força; 2) a ideia que ainda persiste de que os brancos fizeram um favor aos pretos libertando-os da escravidão e até mesmo que o próprio processo de escravização foi um benefício, como erroneamente afirmou o ainda presidente da Fundação Palmares³. Ou seja, esses discursos estão vivos em nossa sociedade e estão longe de serem erradicados.

Assim, quero evidenciar que alguns dos acontecimentos apresentados nos trechos acima não estão inseridos em um passado distante do autor, como queriam Lukács e Jameson. Ao contrário disso, Chico Buarque vivenciou a ditadura militar, chegando até mesmo a se exilar no exterior. Já em relação a essa retomada massiva das pregações colonizadoras como forma de conversão, trata-se de um acontecimento que está se desenvolvendo, portanto, estamos imersos nesse contexto atual. Aliás, se engana quem acredite que a ditadura não resiste também, talvez nunca tenhamos estado tão perto desse passado sombrio. Mas o fato é que temos vários eventos importantes que não estão distantes do escritor. Nesse sentido, Marilene Weinhardt (2012) vai apontar a forte presença desse pas-

³ Série de discursos preconceituosos e racistas do presidente da Fundação Palmares: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/02/sergio-camargo-presidente-da-fundacao-palmares-chama-movimento-negro-de-escoria-maldita-em-reuniao.ghtml>.

sado histórico mais próximo do presente nos enredos contemporâneos. Segundo a pesquisadora, há romances históricos atuais que apresentam discursos em primeira pessoa, nos quais os narradores são, majoritariamente, maduros ou idosos, contando suas vivências e experiências, através da memória, mas situando suas ações em relação aos eventos históricos. E aí ela chama atenção para o fato de que não são romances de autoficção, nem autobiográficos. Quando essas memórias se situam no tempo vivido pelo autor, fugindo do que seria considerado ideal para este tipo de romance, Weinhardt nos diz que a própria concepção de “passado histórico” já fora superada pela história, que se propõe a olhar cada vez mais para o passado recente.

Ainda é válido lembrar das contribuições de Linda Hutcheon (1991), quando chama atenção para o fato de que as narrativas contemporâneas que se pretendem históricas unem literatura e história com o intuito de desconcertar, desestabilizar o passado, seja ele recente ou distante. Há um confronto com a natureza do passado, sua existência é reconhecida, embora ela seja problematizada e questionada. O protagonista do romance aqui estudado desempenha essas funções. Como já vimos, em algumas situações Eulálio tenta diminuir, borrar ou contornar acontecimentos históricos, não os reconhecendo como graves e injustos. Mais uma vez chamo atenção para o fato de que Chico Buarque elege um senhor branco, que pertencia à elite brasileira para ser o narrador-protagonista. Mesmo estando financeiramente falido, o centenário não quer perder o *status* de antes e não consegue esconder os seus preconceitos e ideologias. E é exatamente nessa escolha de narração que está a potência do enredo. Sabemos que a história oficial foi narrada pela elite branca e patriarcal. A figura autoritária e preconceituosa de Eulálio representa esse discurso

da classe mais favorecida da sociedade brasileira, escamoteado por anos, mas que permanece às claras para todos a partir dos discursos de ódio e autoritarismo estampados por todo o país. Assim, a ficção de Chico Buarque permite uma dupla reflexão, tanto do nosso tempo pregresso, quanto do presente, colocando em evidência aquilo que até hoje não conseguimos solucionar e nos leva a questionar até quando estaremos reféns de um passado que insiste em não passar.

Com isso, destaco que *Leite derramado* nos traz um enredo que parte de uma narração em primeira pessoa, isto é, da subjetividade do narrador, mas não se limita apenas a sua vida privada, nos levando a passear pela história de nosso país. Embora se inicie fincado no plano existencial, há, sim, um cruzamento com o plano histórico, que a narração em primeira pessoa não impede que ocorra. Além disso, não temos um evento grandioso para fazer a mediação entre os dois planos, mas uma sucessão deles. Mesmo não recebendo o *status* de monumentais, esses acontecimentos se articulam nos fazendo mergulhar não só na queda do clã Assumpção, mas na narrativa do Brasil. Também é válido ressaltar que a narração de Eulálio não segue uma linha temporal linear, suas lembranças se misturam, fazendo com que passado e presente estejam sempre imbricados.

Portanto, encaro *Leite derramado* como um romance histórico⁴ contemporâneo, pois como afirmou Anderson: “O persistente pano de fundo da ficção histórica contemporânea está nas antípodas de suas formas clássicas” (2007, 219). Finalizando, tenho a ousadia

⁴ Trecho da participação de Chico Buarque na FLIP 2009, em que faz a afirmação: <https://www.youtube.com/watch?v=3QhxQX3qNsA>.

de contrariar uma fala de Chico Buarque na FLIP do ano de 2009, em que ele afirma que o enredo em questão não pode ser compreendido como um romance histórico. Realmente, se formos encarar pela ótica clássica, não teríamos um romance desse tipo, mas ao entender que a literatura se renova, e partindo das contribuições de Anderson, afirmo que, sim, Chico, temos um belo romance histórico contemporâneo.

Referências

- ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 77, p. 205-220, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000100010. Acesso em: 02 de agosto de 2020.
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1993.
- BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível?. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 77, p. 185-203, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 02 de agosto de 2020.
- LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- MAESTRI, Mário. História e romance histórico: fronteiras. *Novos rumos*, Marília, n. 36, p. 38-44, 2002. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2228>. Acesso em: 02 de agosto de 2020.
- WEINHARDT, Marilene. A memória ficcionalizada em *Heranças e Leite derramado*: rastros, apagamentos e negociações. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 245-264, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/22608>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

Resumo

Este ensaio busca discutir a atualização do romance histórico. A relação entre literatura e história não é nova, mas a forma como ocorre essa vinculação se altera ao longo do tempo, fomentando discussões pertinentes. Na era moderna, se acreditou que tal narrativa não resistiria aos novos padrões subjetivos e estéticos, caindo, por consequência, em desuso. Entretanto, o romance histórico não só resistiu, como se reinventou e vem propiciando reflexões importantes sobre o passado e os momentos marcantes da humanidade. É a partir dessa crise e reinvenção que leio o romance *Leite derramado* (2009) de Chico Buarque. Se os estudos inaugurais de Lukács (2011) e a crítica considerável de Jameson (2007) não veriam no enredo do brasileiro uma ordenação que o pudesse associar aos romances históricos clássicos, as contribuições precisas de Anderson (2007) possibilitam compreendê-lo enquanto romance histórico contemporâneo. Entre tradição e modernidade, as estruturas se renovam, viabilizando novos modos de fazer literatura e narrar a história.

Palavras-chave: Romance histórico contemporâneo; Literatura Brasileira; *Leite derramado*; Chico Buarque.

Abstract

This essay seeks to discuss the actualization of the historical novel. The relationship between literature and history is not new, but the way this linkage occurs has changed over time, fostering pertinent discussions. In the modern era, it was believed that such a narrative could not stand up to the new subjective and aesthetic standards and would consequently fall into disuse. However, the historical novel has not only resisted, but reinvented itself, providing important reflections about the past and the defining moments of humanity. It is from the standpoint of this crisis and reinvention that I read Chico Buarque's novel *Leite derramado* (2009). If Lukács' (2011) inaugural studies and Jameson's (2007) considerable criticism would not see in the Brazilian writer's plot an organization

that could associate it with classical historical novels, Anderson's (2007) precise contributions make it possible to understand it as a contemporary historical novel. Between tradition and modernity, the structures are renewed, offering new ways of making literature and narrating history.

Keywords: Contemporary historical novel; Brazilian Literature; Leite derramado; Chico Buarque.